

## **SAUDAÇÃO AO DESEMBARGADOR SYLVIO CAPANEMA\***

**CARLOS ALBERTO MENEZES DIREITO\*\***

*Desembargador do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro*

Senhor Presidente

Senhores Desembargadores

Senhores Juízes

Senhores membros do Ministério Público

Senhores Advogados

Minhas Senhoras

Meus Senhores

Em 1921, o poeta Erik Axel Karlfeldt, Secretário Perpétuo, na solenidade da Academia Sueca, saudava o quase octogenário Anatole France, vencedor do Prêmio Nobel, afirmando: "O mundo é infinitamente grande, e o homem infinitamente pequeno. O que imaginamos nós? Nossos ideais são sombras luminosas, e entretanto é em perseguí-los que encontramos a nossa única verdadeira felicidade." Tudo para lembrar, ao final, a sentença do homenageado posta aos pés da estátua de Renan: "Lentamente, mas incessantemente, a humanidade realiza o sonho dos sábios."

É com essa inspiração que tenho a honra de receber, em nome de nossa Corte, o Desembargador Sylvio Capanema.

O momento é de aguda crise das instituições sociais. Crise no sentido de falta de credibilidade das instituições que regem a vida do

---

\* Sessão do Órgão Especial de 22/05/95.

---

\*\* Ministro do Superior Tribunal de Justiça, a partir de 27/06/1996.

presente e ausência de convicções sobre as instituições que devem reger a vida do futuro.

É preciso, desde logo, compreender, porém, que as sociedades não sobrevivem por muito tempo, com estabilidade e paz social, sem instituições sociais saudáveis, sem respeito aos direitos inerentes ao ser do homem.

Vividos e sofridos de tantos tempos, jamais sentimos o privilégio da plenitude, porque sempre estivemos envolvidos, engajados, em lutas para substituir o nosso ideário em função da incompatibilidade entre as instituições e as demandas da sociedade.

Na verdade, há um perverso mecanismo que movimenta os atores republicanos no sentido de confundir a pobreza dos protagonistas com a riqueza das instituições. E, com odiosa freqüência, são poucos os que assumem o dever de guardar da sanha dos reformadores de plantão, que a tudo querem arrastar, as instituições sociais, construídas ao longo de muitas gerações, e que foram capazes de permitir o progresso da humanidade, criando espaços cada vez maiores de promoção do homem todo e de todos os homens.

É certo, que nós todos, porque cidadãos do mundo, na aventura da comunicação que nos une, não importa em que parte do planeta estejamos - e une nos sentimentos e nas conseqüências dos atos que praticamos - estamos conscientes das graves desigualdades que ameaçam a solidariedade entre os homens e formam o caldo de cultura no qual nascem os iconoclastas de toda ordem.

As sociedades no mundo inteiro, mesmo nas regiões que pouparam seus habitantes dos horrores das guerras de conquista territorial, de disputa nacional ou de ódio étnico, o que já é uma bem aventurança, voltam-se para o desafio representado pelas agudas desarmonias sociais. Estas, ora se acham no patamar da miséria, que

separa ricos e pobres, ora se acham no patamar do desequilíbrio regional, que separa regiões desenvolvidas de regiões subdesenvolvidas, ora se acham no patamar político, que separa os estados democráticos dos estados autoritários.

Todos sabemos, contudo, que tais desarmonias têm raízes remotas, algumas incrustadas na própria formação cultural dos povos, assim, e de modo particular, aquelas que alcançam as discriminações de sexo, de raça, de religião, isto é, discriminações do ser do homem e da inteligência, responsáveis, em alguns casos, pelo afastamento de grandes massas populares dos bens e serviços necessários a um existir digno.

É evidente que as sociedades encontram o seu tempo histórico de saturação. Isso ocorre quando os desníveis entre os homens se exacerbam a tal ponto que já não há mais capacidade de resistência à indignação e à revolta.

Mas, qualquer que seja a nossa capacidade de enfrentar a crise, qualquer que seja a nossa vontade política de sufocá-la, qualquer que seja o meio disponível para vencê-la, devemos ter presente, sempre, que nada se constrói com a destruição dos valores acumulados em cada passagem da história, nas muitas histórias de todos os dias. É nesse sentido que devemos preservar as instituições saudáveis, santuários da liberdade, porque erigidas à luz do respeito aos direitos dos homens, origem e fim da constituição e das leis.

A nós compete um desempenho relevante nesse cenário que se antecipa de transposição do nível de tolerância da sociedade com a desordem social, com a miséria, com a violência das cidades.

Somos membros do Poder do Estado, com assento na mais alta Corte de Justiça, responsáveis, portanto, pela prestação jurisdicional no seu mais elevado sinal. O nosso papel político e social é, pois, emblemático.

É nosso dever e nossa salvação termos consciência da nossa presença. Como somos Poder do Estado somos - e devemos ser - vigiados pelos destinatários desse Poder. Mas, não é só este fato que nos impele a refletir sobre nossos deveres. É, também, o fato de sermos nós próprios exemplares para nossos jurisdicionados. A Justiça para estes será boa se nós formos bons juízes, cumprindo nossos deveres, com rigor e com respeito. A Justiça será ágil se nós formos ágeis dando curso à cadeia jurídica que é mais uma garantia do cidadão que um defeito, ainda que tão pouco compreendida. A Justiça será respeitada se nós respeitarmos os nossos ritos. A Justiça será democrática e transparente se nós não fizermos da democracia e da transparência um meio fácil para o abastardamento dos nossos costumes. A Justiça será competente se nós formos competentes.

Para cada um de nós e para todos nós, que dizemos o direito, o controle dos nossos atos de jurisdição está em nossas consciências, sem o que não haverá nem direito, nem liberdade, nem Justiça. Mas, como cada instituição tem os seus mecanismos de controle, devemos ter também os nossos, como os temos, embora seja necessário revigorá-los, aperfeiçoá-los.

E a Justiça, pela sabedoria do nosso sistema constitucional, é também um Poder do Estado que se abre democraticamente para o cidadão, seja pelo acesso por concurso público, seja porque a jurisdição que presta em cada instância está sujeita à revisão, seja porque dentre seus membros está o quinto constitucional, incorporando advogados e membros do Ministério Público, e que me permitiu até aqui chegar, e nos permite a todos receber, rendendo graças, o Desembargador Sylvio Capanema.

Quando um Tribunal de Justiça, no cumprimento do comando constitucional, pode receber um juiz do talento de Vossa Excelência, Senhor Desembargador Sylvio Capanema, temos um marco da verdade

contida na sentença de Anatole France: é possível, sim, realizar o sonho dos sábios.

No vigor da força intelectual, fruto da educação pública, seja no Instituto de Educação, seja no Colégio Militar, seja na velha Faculdade Nacional de Direito, das melhores tradições na ciência jurídica, o Desembargador Sylvio Capanema não traz, apenas, a contribuição de sua testada experiência como juiz do Tribunal de Alçada, mas, também, na comunhão dos saberes, a sua responsabilidade de cientista social e o seu talento de professor, na batuta formadora de várias gerações.

Professor Titular de Direito Civil e de Direito Internacional Privado das Faculdades Integradas Cândido Mendes, da qual foi, ainda, Vice-Diretor, antigo Professor e Diretor da Escola Superior de Advocacia da Ordem dos Advogados do Brasil, o Desembargador Sylvio Capanema reúne um conjunto de exemplaridades, apanágio dos que se vocacionam para o conhecimento, mas, sobretudo, dos que são capazes de transformar o saber em sabedoria.

É essa condição especialíssima - transformar o saber em sabedoria - que autoriza a todos nós, membros do Poder Judiciário, esperar do seu espírito de catedrático, de julgador, de advogado, de autor de inúmeras obras jurídicas, de examinador em diversos concursos públicos, o testemunho que sua reputação avaliza para o engrandecimento de nossos misteres.

É o que me faculta repetir, na sua imagem de cientista do direito, a homenagem de Santiago Dantas a Clóvis Bevilacqua:

Colocado nessa grandeza, erguido a esse nível, o papel do jurista assume, na vida de um povo, o de algo só comparável ao do santo e do herói. Sua vida se transforma em exemplo, seus pensamentos, em regras duradouras (...).

No Desembargador Sylvio Capanema, nessa hora grave para o Judiciário brasileiro, encontramos o senso da retidão, o valor da

independência, a fidelidade inalterável aos ideais de uma justiça para todos, não importa qual o papel social de cada demandante na sociedade.

A sua presença entre nós, no cume de seu existir profissional, é força fecundante não somente pelo conhecimento científico, mas pela capacidade de conviver, que esmalta o caráter do juiz, árbitro entre os contrários, distante das paixões, sereno para enfrentar o processo, dizer o direito, construir a Justiça, anelo de cada cidadão e de todos os cidadãos.

É por essa razão maior que o currículo do Desembargador Sylvio Capanema não está ligado apenas ao reconhecido especialista em direito positivo, com particular destaque para o direito imobiliário, mas ao jurista que trilhou tantos caminhos, na integralidade do universo jurídico. Conferencista e consultor de diversos entes públicos, o Desembargador Sylvio Capanema é um testemunho, ele próprio, de que a Justiça agasalha a visão do direito como aspecto da ciência social. Assim, a idéia do justo é a do melhor para o bem comum, na interminável tarefa de interpretar construtivamente para que a lei seja uma ordem da razão e não um simples comando ideológico, ao sabor da vontade do juiz.

Essa é a lição que a vida de Vossa Excelência nos revela. E este Colendo Órgão Especial, em votação tão rara quanto merecida, reconheceu em Vossa Excelência a expressão maior da cultura jurídica aliada ao timbre incólume de sua dignidade pessoal, fontes de uma judicatura repleta de virtudes.

Ainda em janeiro deste ano, André Compte-Sponville lançou na França o seu grande *Petit Traité des Grandes Vertus*. Na virtude da justiça pergunta ele:

O que é um justo?" E responde: É qualquer um que põe a sua força ao serviço do direito e dos direitos e que decreta em si mesmo a igualdade de todo homem com relação ao outro, apesar das desigualdades de fato ou de talentos, que são inumeráveis, que instaura uma ordem que não existe,

mas que sem a qual nenhuma outra ordem será capaz de nos satisfazer.

É fundamental que assim seja.

Ao juiz cabe amar o processo como meio de disciplinar a realidade posta ao seu julgamento. Não é dizer o direito contra a lei, alternativa fácil daqueles que transformam a Justiça no instrumento dos próprios critérios de ver o mundo, sem respeito à diversidade das crenças. Cabe, acima de tudo, compreender que a luta por uma ordem justa não tem fim e que a luta por ela é que nos identifica como juizes, a começar pela luta contra a injustiça que há dentro de cada um de nós.

E assim é Vossa Excelência, Desembargador Sylvio Capanema.

Para todos nós, juizes, a fortaleza é a capacidade de respeitar os limites da lei, trabalhar sobre ela, torná-la íntima da nossa alma, aplicá-la pensando no outro, que é o destinatário de cada momento processual, e que um dia podemos ser nós mesmos, de tal forma que a prestação da jurisdição seja um corolário da sociedade toda e não de parte dela.

Vossa Excelência, Desembargador Sylvio Capanema, com a sua história pessoal, está destinado a marcar o seu tempo de judicatura, na fluência de sua inteligência, na beleza de sua personalidade irradiante, na dimensão do seu saber profissional. E tudo, certamente, na comunhão de sua família, ao lado de sua mulher, nossa muito estimada colega Dra. Odete, sem o que a energia do amor, essência na dogmática da vida, fenece com a sombra das carências do coração.

Com a responsabilidade de interpretar os sentimentos comuns desta Alta Corte de Justiça, posso dizer que abrimos nossos corações, deixamos nossa alma ser invadida pelo calor dos afetos, para receber Vossa Excelência, Desembargador Sylvio Capanema. E o fazemos com a liturgia que assegura a perenidade das instituições para dizer ao seu lado,

na invocação ainda de André Compte-Sponville, "hereux les affamés de justice, qui ne seront jamais rassasiés".